

Revista Época

07/05/2011

Ouro rubro

Fundos, leilões, compras antecipadas... Há vários modos de ganhar (e perder) dinheiro, investindo nos vinhos exclusivos que os chineses adoram

Por Elisa Campos



O mercado de vinhos ultraexclusivos vive na expectativa de um novo recorde mundial de preço desde as 18 horas do dia 29 de outubro de 2010, quando uma garrafa de Château Lafite Rothschild da improvável safra de 1869 tornou-se a mais cara do planeta. A relíquia foi arrematada por um investidor chinês – que preferiu se manter anônimo – em um leilão da Sotheby’s em Hong Kong, por US\$ 232,8 mil. Desbancou, assim, outro Château Lafite de museu, este de 1787, vendido por US\$ 156,4 mil em 1985. Com cada gole valendo US\$ 2 mil, o preço da garrafa surpreendeu. Mas aquela foi a grande noite dos lafitemaníacos. Uma caixa com 12 garrafas da safra de 2009 – vinho à época nem sequer engarrafado – foi comprada por US\$ 68,2 mil. No início do evento, ela era avaliada pela casa de leilões em “apenas” US\$ 15,4 mil.

Com preços recordes nos últimos anos, os vinhos finos, especialmente os franceses da região de Bordeaux, romperam a fronteira da enofilia e conquistaram a atenção de investidores para um mercado que movimenta pelo menos US\$ 3 bilhões por ano.

Tímido no Brasil, o investimento em vinhos é bem organizado nos Estados Unidos e na Europa. Operando no Reino Unido desde 1999, a Liv-ex, uma bolsa para transação dos melhores e mais prestigiados rótulos, é responsável por dois terços dos negócios com vinhos exclusivos do mundo. Quase todo o restante muda de mãos em leilões organizados por casas tradicionais como Christie's, Sotheby's, Acker Merrall & Condit, Zachys e Hart Davis Hart. No Reino Unido – mais tradicional e sofisticado mercado do ramo – já há empresas especializadas em assessorar investimentos nesse nicho, caso da Magnum Fine Wines e da Premier Cru Fine Wine Investment. Está na Grã-Bretanha, também, a maioria dos pouco mais de 20 fundos de investimento especializados já em operação.

Um deles está disponível para investidores brasileiros desde janeiro. Gerido pela Cultinvest, o Bordeaux Wine Fund Multimercado compra caixas de 12 garrafas de Bordeaux das safras entre 1982 e 2007. Todas precisam ter avaliação mínima de 90 pontos, na escala do crítico americano Robert Parker. O rating médio da carteira é atualmente de 97 pontos. Na série de rótulos exclusivos, aparecem cinco garrafas de 100 pontos (a nota máxima), como um Château Petrus 1990 e um Lafite 1996. Por exigência da CVM, a aplicação mínima é de R\$ 1 milhão. Por determinação dos gestores, o fundo pode manter em carteira no máximo 20% de vinhos ainda não engarrafados – um objeto de desejo de certos investidores.

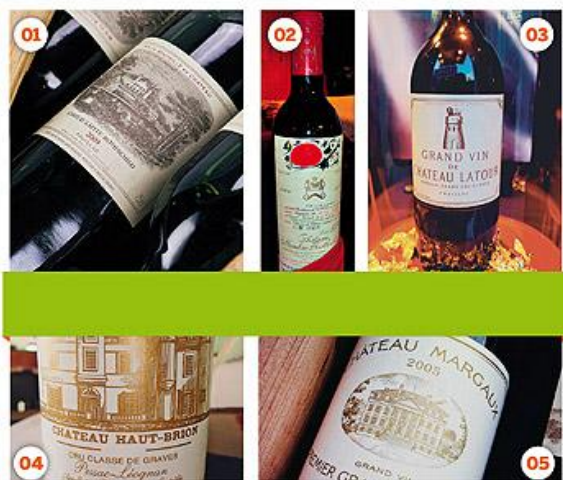
Parte da explicação para a explosão de preços deve-se à demanda da China

A prática de comprar a bebida enquanto ela ainda está descansando em barris, antes do engarrafamento, é chamada de venda “en primeur”. Esse tipo de transação dá aos investidores a oportunidade de lucrar com a valorização do vinho no período entre a produção e a chegada ao mercado, que é de pelo menos dois anos. Nesse ínterim, os primeiros críticos, como Parker, fazem degustações, avaliam a qualidade da safra e identificam os produtos excepcionais da temporada. Uma boa avaliação neste momento catapultava o preço das garrafas. A safra de 2005 em Bordeaux, por exemplo, foi considerada espetacular. O preço de uma caixa de 12 garrafas do celebrado Château Petrus saía na venda “en primeur” por US\$ 24 mil. Quando finalmente chegou ao mercado, já em 2008, a mesma caixa valia US\$ 40 mil, uma valorização de expressivos 66,6%. Essa opção, entretanto, tem seus riscos. Além da possibilidade de uma safra não agradar em seu lançamento, paga-se por um produto que só será recebido cerca de dois anos depois.

Compradores de vinho de todos os continentes torcem seus delicados narizes para a exagerada influência de um único homem, Robert Parker, na formação dos preços da bebida. Mas, por ora, esse advogado americano de 63 anos é uma figura incontornável no mundo do vinho. Sua história é romântica. O amor por Pat Etzel, namorada de adolescência e sua mulher até hoje, é responsável por sua aproximação dos tintos e brancos. Foi no aniversário de 18 anos de Pat que Parker tomou sua primeira taça de vinho. Detestou. Em 1967, ela partiu para um ano de estudos em Estrasburgo, na França. Temendo perdê-la, Parker encarou sua primeira viagem internacional para encontrá-la, no fim do ano, em Paris. Foi quando apaixonou-se por vinhos. Onze anos depois, ele lançaria sua publicação de crítica, a *The Wine Advocate*. Desde então, Parker prova e classifica cerca de 10 mil rótulos por ano. Seu nariz está no seguro e lhe renderá US\$ 1 milhão, caso o olfato venha a lhe faltar. Ele acha pouco. E, provavelmente, é.

Os mais exclusivos

Cinco garrafas célebres das blue chips de Bordeaux



01 *Château Lafite 2009, vendido em leilão da Sotheby's de Hong Kong em outubro (US\$ 68 mil por 12 garrafas) | 02 Château Mouton Rothschild 1969, com o rótulo feito por Miró | 03 Château Latour 2009, o vinho do ano em Bordeaux | 04 Château Haute-Brion 2000 – nota 99 na escala até 100 de Robert Parker | 05 Château Margaux 2005 – uma das melhores safras dos últimos anos*

Na última década, o mercado de vinhos exclusivos tem oferecido retornos consistentes e bastante superiores às aplicações tradicionais. Entre julho de 2001 e fevereiro de 2011, o Liv-ex Fine Wine 100 Index, indicador de rentabilidade da Liv-ex com os 100 rótulos finos mais negociados, teve alta de 282%. No mesmo período, o índice S&P 500, da bolsa de Nova York, acumulou valorização de 7,3%. O FTSE 100, da bolsa de Londres, subiu 4,8%. Refletindo a pujança de uma economia que desabrocha tardiamente, a bolsa brasileira valorizou-se ainda mais que os vinhos: 363% nesses quase dez anos. Em 2010, no entanto, a virada foi brutal. O Liv-ex 100 rendeu 40,5%, enquanto a Bovespa caiu 1%.

“Os vinhos são ideais para a diversificação dos investimentos”, diz Alexandre Zákia, sócio da Cultinvest. “Eles têm baixa correlação com o rendimento de ações e papéis de renda fixa.” Mas não são à

prova de choque. No quarto trimestre de 2008, quando o mundo das finanças encarou o abismo, a Liv-ex caiu 25%.

Embora o Liv-ex 100 leve em conta o preço de 100 rótulos, 90% do mercado de vinhos finos é composto pelos mais tradicionais produtos de Bordeaux – liderados pelos cinco “Premier Grand Crus” da região do Médoc, as blue chips de Baco: Château Haut-Brion, Château Lafite Rothschild, Château Latour, Château Margaux e Château Mouton Rothschild. São vinhos caros – caríssimos quando das safras excepcionais, como as de 2005 e 2009. Mas não necessariamente os melhores. A preponderância dessas casas, nem sempre considerada justa pelos críticos quando o mérito é a qualidade do vinho, tem uma razão histórica. Em 1855, a pedido do imperador Napoleão III, os châteaux da região foram organizados em cinco categorias para a Exposição Universal de Paris. No patamar mais alto de qualidade, ficaram Latour, Lafite, Margaux e Haut-Brion. O Mouton Rothschild foi alçado à condição de Premier Grand Cru Classé em 1973, por decreto do ministro da Agricultura, depois de muito lobby do barão Philippe de Rothschild. A safra de 2009 do Latour foi lançada por 12 mil libras a caixa de 12 garrafas. O mesmo vinho da safra de 2005, também considerada espetacular, valia em seu lançamento 4,5 mil libras.

Parte da explicação para a explosão dos preços dos vinhos finos deve-se à demanda crescente da China. Os chineses se apaixonaram pelos Bordeaux. De 2005 a 2009, o consumo naquele país aumentou 104%. Estima-se de 5 mil a 10 mil chineses interessados em comprar vinhos Bordeaux da safra de 2009 “en primeur”. Os bebedores de vinho chamam, claro. Mas os grandes châteaux adoram. O Mouton Rothschild tradicionalmente encomenda imagens para seus rótulos a grandes artistas. Miró desenhou um em 1969, Salvador Dali deixou sua marca em 1958, Andy Warhol deu ares pop à safra de 1975. Quem assina os rótulos de 2008 é o artista chinês Xu Lei. O anúncio de que as garrafas do Lafite 2008 teriam em destaque o número oito na grafia chinesa, um símbolo da sorte, fez com que seus preços subissem 20% em um só dia.

É possível lucrar comprando vinhos ainda nem envazados se dando bem em leilões ou em fundos especializados. Mas não espere elogios dos enófilos. “Os especuladores inflacionam o preço dos vinhos e ninguém mais pode tomá-los. Só os milionários”, afirma Ciro Lilla, da importadora Mistral. A queixa é frequente. Afinal, quem pode gastar em um vinho o equivalente a um automóvel?